

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte 10 Popular Class.: Avá-Canoeiro
 Data 30/05/93 Pg.: 18

Luta contra extermínio de um povo

Sertanista tenta localizar Avá-Canoeiro isolado em área de usina que será inundada

Silvana Bittencourt

Quando o lago da usina hidrelétrica de Serra da Mesa começar a se encher, provavelmente dentro de quatro anos, sua imensidão de águas poderá estar avançando rumo ao extermínio de uma nação. Devendo ocupar um reservatório de 1 mil 784 quilômetros quadrados no Rio Maranhão, município de Minaçu, elas ameaçam acuar, deixar ilhados ou mesmo matar afogados alguns dos últimos representantes da tribo Avá-Canoeiro, índios que sobreviveram à perseguição do branco e que, por medo, insistem em se manter isolados, fugindo de qualquer contato e possivelmente perambulando escondidos pela área onde está sendo construída a hidrelétrica. Afinal, nesta mesma região foram contactados, há 10 anos, quatro remanescentes de um massacre da década de 60 e descobertos vestígios de outros índios arredios.

Para evitar que esse grupo isolado seja surpreendido pelas águas, aumentando assim o risco de extinção da tribo - que hoje tem apenas 15 sobreviventes conhecidos -, o sertanista da Funai, Antenor Vaz, segue nos próximos dias para o local, chefiando uma frente de atração que tentará a princípio localizar os índios e talvez contactá-los. Quantos são os Avá arredios, o que comem, o que vestem, a que perigos estão expostos, que adornos usam e por onde circulam são algumas perguntas que a equipe coordenada pelo paraibano Antenor Vaz buscará responder depois de esquadrihar uma área acidentada de 38 mil hectares, percorrendo a pé a maior parte dos caminhos. A primeira fase do trabalho de investigação do território, deverá durar cerca de três meses, mas a atuação da frente poderá se prolongar por anos seguidos, devido à dificuldade de localização dos Avá, que têm como característica uma surpreendente capacidade de se esconder.

CONVENIO
 O Projeto Emergencial de Lo-

calização e Contato Avá-Canoeiro é fruto de um convênio inédito em que Furnas, responsável pela construção da usina no Rio Maranhão, se compromete a compensar os impactos causados pela obra. Por isso, a empresa assinou convênio com a Funai para viabilizar a frente de atração e posteriormente a demarcação da reserva indígena; com a Universidade Católica de Goiás, para salvamento de sítios pré-históricos na área que será alagada; com a Universidade de Brasília, para salvamento da fauna; e com a Embrapa, para salvamento da flora. É a primeira vez que se realiza no País projetos dessa natureza, segundo o diretor de Planejamento, Engenharia e Construção de Furnas, Aniello Puziello, informando que o mesmo trabalho está sendo desenvolvido também na área da usina de Corumbá, de menores proporções.

"Estamos ainda em fase de aprendizado", afirma Puziello, garantindo que a partir de agora nenhum grande empreendimento será iniciado por Furnas antes de tomados tais cuidados. Para o diretor, essas novidades são reflexo da nova mentalidade ecológica que domina a população, interpretada pelo ex-presidente de Furnas e ex-ministro da Fazenda, Eliseu Resende, com a frase: "Já não se faz mais hidrelétricas como antigamente", numa referência à pressão que as entidades ambientalistas e a população vêm exercendo sempre que surgem obras causadoras de impactos no meio ambiente. Na última quinta-feira, Puziello esteve em Goiânia junto com o novo presidente da Funai, Cláudio dos Santos Romero, para entregar ao chefe da frente de atração, Antenor Vaz, o material que será utilizado para localização dos Avá-Canoeiro isolados: um barco com motor, uma toyota, um gerador, dois rádios de comunicação, um binóculo, uma máquina de escrever e uma fotográfica e quatro armas de fogo. O material foi empestado por Furnas à Funai.

O presidente da Funai, Cláudio Romero, empossado na sema-



As águas das barragens ameaçam de extinção os Avá-Canoeiro

na passada, garante que as mudanças na administração superior do órgão não afetarão os projetos em favor dos Avá-Canoeiro. "Eles ganharam agora mais um aliado", assegurou, admitindo entretanto que os interesses políticos e de grandes grupos econômicos emperram o trabalho de ajuda aos índios. "Falta vontade política. No caso das demarcações de terra, por exemplo, tudo fica parado quando chega às mãos dos deputados federais, porque isso contraria interesses de madeireiros e de garimpeiros", denunciou. Romero afirmou, contudo, que está disposto a vencer as pressões. "Estou na Funai para cumprir a lei e a lei manda demarcar as reservas indígenas. Não aceito sequer sentar para conversar sobre a redução de terras que pertencem aos índios".

Cláudio Romero reconhece, no entanto, que será impossível cumprir o prazo determinado pela Constituição Federal para a regularização das áreas indígenas. Afinal, ainda existem 238 territórios não demarcados e o prazo se expira dentro de cinco meses. Por isso, a primeira providência do Presidente da Funai depois de empossado foi encaminhar expediente ao Congresso Nacional, relacionando as reservas já regularizadas e as ainda a serem demarcadas, e alertando que será impossível obedecer a data prevista na Constituição. Independente disso, assegura Romero, a Funai investirá no trabalho de localização dos Avá-Canoeiro para assegurar sua sobrevivência.

Com os recursos materiais em mãos, o sertanista paraibano, Antenor Vaz aguarda agora apenas o fim da greve dos funcionários públicos federais e a liberação do dinheiro para começar o trabalho na região. O sertanista foi convocado para chefiar a frente de atração em Minaçu depois de desempenhar uma tarefa semelhante na Reserva Biológica do Guaporé, em Rondônia, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Durante cinco anos, Antenor tentou localizar índios isolados do grupo Sirioró, que

viviam acoados na reserva pelos latifundiários ao Norte, pelos posseiros e madeireiros a Leste, pelos pântanos ao Sul, e pelos búfalos a Oeste. Depois de retirar os posseiros da área e afastar o que ameaçava a sobrevivência dos índios, a equipe da Funai criou um sistema de proteção para os Sirioró, que continuaram sem contato algum com o homem branco e completamente independentes da tecnologia moderna. "Até hoje eles usam machado de pedra, por exemplo", conta Antenor Vaz.

O sertanista pretende, da mesma forma, livrar os Avá-Canoeiro isolados de Goiás dos perigos que os rondam. Sua intenção inicial é localizá-los e conhecer seus hábitos. O contato, explica, dependerá do comportamento do próprio grupo. "Eu jamais farei contato com um índio que se recusa a isso, mesmo porque está provado que este processo é pernicioso e em média 50% da população morrem depois dessa aproximação", informa Antenor. Ele já tem algumas pistas para identificar os prováveis locais de circulação dos índios. Na semana passada, o sertanista encontrou um acampamento de cerca de oito anos atrás, localizado a 10 quilômetros do canteiro de obras da usina de Serra da Mesa, ainda com pilão, machado de ferro, instrumentos musicais e panelas.

Também um posseiro da região contou ter ouvido um assóvio agudo e prolongado ao entardecer, diferente do emitido por qualquer ave, e outro vizinho revelou que apareceram em suas terras dois animais mortos e pegadas. O chefe da frente de atração sabe, entretanto, que será desafiado pela incrível capacidade que os Avá-Canoeiro têm de se esconder e não deixar vestígios, desenvolvida ao longo de mais de dois séculos de perseguição e massacres. "Eles desenvolveram técnicas quase anormais de sobrevivência. Andam no cascalho para não deixar pegadas e sabem caminhar sem quebrar gravetos que poderiam sinalizar sua passagem", revela Vaz.